

INTERVENÇÃO EM ESPAÇOS RECREATIVOS NOCTURNOS – DA EXPERIÊNCIA DA INTERVENÇÃO À EVIDÊNCIA DA INVESTIGAÇÃO

Susana Henriques

Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – Instituto Universitário de Lisboa
Universidade Aberta
susana_alexandra_henriques@iscte.pt

Mónica Peralta

Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Pedro Borges

Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Rafaela Serralheiro

Instituto Politécnico de Leiria – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Resumo

No presente artigo apresentamos e discutimos os resultados de um projecto de investigação-acção servindo como pano de fundo para uma reflexão a partir de dois campos de investigação e de prática principais – a Sociologia e a Educação Social.

O objectivo é o de apresentar evidências relativas à intervenção preventiva em contextos de diversão nocturna, junto de frequentadores e staff. Ao mesmo tempo, explorar e clarificar algumas implicações resultantes desta particular articulação interdisciplinar neste campo de intervenção.

A referida intervenção foi orientada por dois eixos teóricos, o primeiro referente à prevenção selectiva e prevenção indicada do consumo de substâncias psicoactivas e o segundo, referente aos factores de risco e factores de protecção. E assentou numa abordagem metodológica de investigação-acção com o propósito de ir monitorizando todas as estratégias em função dos dados recolhidos, fazendo ajustes ou correcções sempre que necessário.

No final deste percurso podemos constatar a importância do uso de uma



metodologia de investigação-acção, adaptada sempre à realidade da intervenção. Bem como, destacar o carácter complementar da interdisciplinaridade assente numa base crítica e reflexiva, que permitiu atingir os objectivos propostos.

Palavras-chave: Prevenção em contextos recreativos; Educação social; Sociologia; Investigação-acção.

Abstract

In this article we present and discuss the results of an action-research serving as a backdrop for reflection from two fields of research and major practice - Sociology and Social Education.

The aim is to present evidence regarding the preventive intervention in nightlife contexts, from their customers and staff. At the same time to explore and to clarify some implications arising from this particular interdisciplinary articulation in this field of intervention.

Intervention was guided by two theoretical axes, the first one related to selective and indicated prevention of psychoactive substances consumption and the second one related to the risk factors and the protective factors. In terms of methodology this intervention has followed an action-research approach which allowed checking all the strategies in light of the collected data, making adjustments and corrections when ever necessary.

At the end of this process we highlight the importance of using an action-research methodology, always adapted to the intervention's reality and we stress the complementary nature of interdisciplinary based on a critical and reflective perspective that allowed achieving the proposed goals.

Keywords: Prevention; Prevention in recreational settings; Social Education; Sociology; Action-research.

Introdução (Contextualização da Intervenção – *Recreative Safe Vibe*)

Vários estudos têm demonstrado a existência de uma forte associação entre o consumo mais ou menos abusivo de substâncias psicoactivas e as actividades



recreativos dos jovens – nomeadamente, eventos de música e de dança (Calafat, 1999; Henriques, 2003; Calado, 2006; Carvalho, 2007). Segundo estes trabalhos tende a haver maior acessibilidade a substâncias psicoactivas e maior predisposição para o consumo, nestes contextos. O *Relatório anual 2006: a evolução do fenómeno da droga na Europa*, do OEDT (Observatório Europeu das Drogas e da Toxicodependência) e o *Relatório anual sobre a situação do país em matéria de drogas e toxicodependências – 2005*, do Instituto da Drogas e da Toxicodependência (IDT) têm revelado uma prevalência de consumos (de substâncias sintéticas e de estimulantes, em geral) superior à encontrada nos estudos realizados junto da população em geral.

Nestes contextos, a acessibilidade das substâncias psicoactivas parece apontar para atitudes de desvalorização social, já que muitas vezes o consumo é iniciado após a observação de outros jovens (pares) a consumir. Há ainda a referir dois aspectos que poderão ser entendidos como facilitadores do (ab)uso de substâncias em espaços recreativos. No caso das substâncias sintéticas, o facto de se tratar de substâncias fáceis de tomar (e o processo é relativamente discreto), em que é fácil observar outros a tomar e os efeitos (vantagens e riscos) associados. No caso do álcool, o facto de haver uma valorização social e cultural do seu consumo, mesmo do abusivo. O preço acessível destas substâncias tende também a ser um factor favorável a consumos regulares e/ou abusos. Independentemente da substância em causa, prevalecem muitos mitos associados aos seus efeitos e riscos, além de que em contextos recreativos, encontram-se frequentemente, policonsumos – consumos combinados ou em sequência de substâncias várias (sintéticas, cocaína, haxixe e álcool ou outras).

Encontramo-nos, assim, num quadro em que existe "...a crescente necessidade de formular respostas sensíveis à natureza complexa e multifacetada do fenómeno da droga actual" (EMCDDA, 2006). A importância da Prevenção é reforçada pelo facto da expansão das substâncias sintéticas e do seu potencial para causar problemas de saúde significativos levar a que este domínio exija vigilância contínua.

Há, pois, pouco conhecimento sobre os novos padrões de consumo, associados às substâncias psicoactivas em contextos recreativos. Embora haja já alguns estudos, é ainda necessário aprofundar o conhecimento em contextos micro, de forma a facilitar a apreensão de outras dimensões que interagem com a substância consumida – as económicas e de geoestratégia internacional, as dos estilos de vida



dos consumidores entendidos no quadro das sociedades actuais, por exemplo.

Nesta linha, o projecto *RSV – Recreative Safe Vibe*¹ surge da necessidade, por um lado, de aumentar o conhecimento acerca dos padrões de consumos de substâncias psicoactivas em espaços recreativos nocturnos e, por outro lado, de desenhar, desenvolver e adequar estratégias de intervenção nestes contextos. Procurou-se, então, dar resposta a estas necessidades através de um projecto assente numa abordagem metodológica de *investigação-acção* com o propósito de adaptar todas as estratégias a desenvolver ao longo da sua concretização a partir dos dados recolhidos.

Assim, o desenho do projecto foi composto por três fases distintas, mas interligadas e complementares entre si: fase do diagnóstico; fase da intervenção nos espaços com frequentadores e *staff*; e fase da intervenção interpares. Importa explicar cada uma destas brevemente, sendo que a apresentação dos principais resultados será feita no ponto seguinte deste artigo.

Na primeira fase, como já referimos, deparamo-nos com o facto de concretamente na zona geográfica e na população de intervenção do *RSV*, não haver dados sobre a incidência e prevalência do uso de substâncias psicoactivas. Desta forma, o Projecto *RSV* pretendeu conhecer melhor e caracterizar a população que frequenta os espaços de lazer nocturno da zona litoral centro de Portugal – a saber, *Green-Hill* em Caldas da Rainha, *Nafta* e *Blá Blá* na Nazaré, *Beat Club* em Leiria e *Casa do Cais* em Peniche – bem como os consumos de substâncias psicoactivas dessa população nesses espaços, com a convicção de que, a partir deste conhecimento, a intervenção seria mais adequada e ajustada às características da população.

Na segunda fase pretendeu-se reforçar a visibilidade do projecto nos espaços recreativos parceiros e estabelecer relação como os respectivos frequentadores e o *staff*. A visibilidade do projecto foi sendo reforçada através da presença continuada da equipa técnica, bem como de iniciativas específicas, como as festas “Escolhe o teu Som”, em que se procurava promover a importância de fazer escolhas informadas e conscientes, informadas e críticas na música, como nos consumos de substâncias

¹ Este foi um dos sete projectos financiados no âmbito do PIF-IDT (Programa de Intervenção Focalizada do Instituto da Drogas e da Toxicodependência), eixo “Indivíduos com padrões de consumo de substâncias psicoactivas em contextos recreativos” e foi desenvolvido no âmbito da CERCINA (Cooperativa de Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas da Nazaré), enquanto entidade promotora.



psicoactivas. A relação com os frequentadores foi sendo promovida através do estabelecimento de conversas informais acerca dos consumos de álcool ou outras, facilitadas pela distribuição de material informativo e promocional. Junto do *staff* e gerência dos espaços parceiros foram desenvolvidas acções de (in)formação com o objectivo de desfazer alguns mitos associados aos consumos de substâncias psicoactivas e de promover as suas competências de prevenção e intervenção em situações de abusos.

Finalmente, numa última fase foi sinalizado, entre os frequentadores dos vários espaços recreativos parceiros, um grupo junto do qual se desenvolveram um conjunto de acções. O objectivo foi o treino de competências pessoais e sociais enquanto factores de prevenção.

Após esta descrição genérica das fases que compuseram a intervenção do RSV, importa apresentar alguns resultados.

Evidências da Investigação (Resultados *Recreative Safe Vibe*)

Começamos por reforçar que o RSV desenvolveu como um projecto de intervenção preventiva em contextos de diversão nocturna tendo, para tal, assentado numa metodologia de investigação-acção. No desenvolvimento e monitorização das diversas estratégias no terreno estiveram presentes diversas áreas disciplinares, com particular destaque para a Sociologia e a Educação Social. Muito embora a reflexão acerca desta articulação e da sua importância para o projecto seja mais desenvolvida mais à frente neste artigo, importa explicitar sumariamente de que forma esta interdisciplinaridade teve reflexos nos dados seguidamente apresentados.

O desenvolvimento do projecto foi baseado numa dinâmica de relacionamento centrada na colaboração contínua entre os agentes envolvidos: equipa técnica – composta pela coordenação e pares-voluntários –, entidade promotora, consultoria, frequentadores e *staff* dos espaços recreativos. A par desta colaboração mais alargada existiram diferentes níveis de articulação operacional entre os vários agentes envolvidos. É nesta linha que situamos a articulação interdisciplinar que aqui trazemos para reflexão. A consultadoria era assegurada por uma socióloga e, dos pares-voluntários, destacou-se um grupo de três educadores sociais que colaboraram mais estreitamente nas actividades de investigação-acção. Ou seja, ao mesmo tempo que estavam no terreno, desenvolvendo estratégias de intervenção preventiva nos espaços de lazer nocturno parceiros do projecto, também colaboravam na produção



de evidências empíricas e reflexão analítica acerca da forma como essas estratégias haviam decorrido, introduzindo ajustes, sempre que necessário.

Feito este breve enquadramento, centramo-nos na apresentação de alguns resultados do projecto.

Definimos dois eixos teóricos que orientaram a intervenção, desde a fase do diagnóstico, passando pela intervenção continuada e de proximidade nos espaços, até à intervenção com o grupo-alvo sinalizado de frequentadores. O primeiro eixo refere-se à *Prevenção Selectiva* e *Prevenção Indicada*, que dirige a acção do Projecto para um subgrupo específico da população geral, jovens em contextos recreativos, o que pressupõe que todos os elementos pertencentes a esse subgrupo estão em risco por pertencer a um determinado segmento com características identificadas como de risco – indivíduos com padrões de consumos de substâncias sintéticas em contextos recreativos (Borges & Filho, 2004). O objectivo desta intervenção mais alargada – baseada em estratégias informativas – é deter ou retardar o abuso de substâncias sintéticas. Foram também alvo de intervenção estratégica os pares-voluntários e o staff através de estratégias formativas. O segundo eixo refere-se aos *Factores de Risco* e *Factores de Protecção* e assenta no pressuposto de que os programas de prevenção devem focar-se, quer na redução dos factores de risco, quer no desenvolvimento dos factores protectores (Jessor & Jessor *cit in* Borges & Filho, 2004). Assim, pretendemos contribuir para a identificação e compreensão de quais os factores de risco e de protecção do grupo-alvo, nos diferentes domínios (individual, familiar, grupo de pares, comunitário / institucional, meio social / sociedade) e quais os associados ao consumo de substâncias psicoactivas em espaços recreativos. A figura seguinte esquematiza o modelo de análise no qual se baseou a intervenção.

Através da articulação conceptual proposta – *factores de risco, factores de protecção, percepção dos riscos e redução de riscos e minimização de danos* – pretendemos contribuir para a identificação de tendências e factores que conduzem ao encontro e fixação no consumo de substâncias psicoactivas. Equacionaram-se e desenvolveram-se, a partir destas perspectivas teóricas e modelo de análise, diferentes dimensões analíticas que visam dar conta dos factores a ter em conta no desenvolvimento de estratégias de prevenção selectiva e de prevenção indicada, que poderão influir nas trajectórias de consumos de substâncias sintéticas.

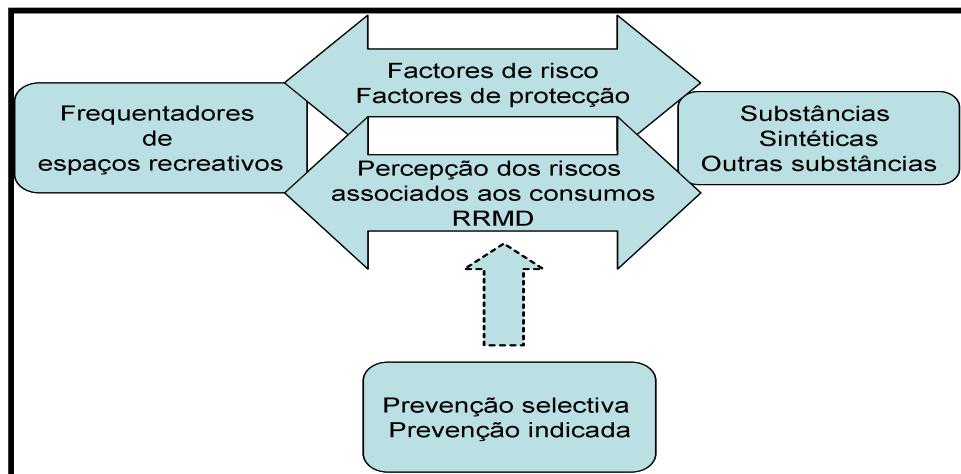


Figura 1 – Modelo de Análise da Intervenção (RSV)

Ao longo do projecto (da investigação e da intervenção) recorreu-se a uma complementaridade metodológica que permitiu cruzar informações de natureza diversa centrada nos frequentadores de espaços de diversão nocturna e nas dinâmicas associadas a estes espaços. Ou seja, combinou-se informação quantitativa, recolhida através de inquéritos por questionário aplicados junto dos frequentadores dos espaços recreativos parceiros do projecto, junto do *staff* dos espaços parceiros do projecto e do grupo-alvo sinalizado e também, informação qualitativa, de cariz etnográfico que passou pelo registo de informações, observações, impressões, conversas, num diário de campo dos pares-voluntários implicados na intervenção. Estes registos foram realizados nos espaços referidos, mas também em momentos mais pontuais, fora dos espaços de diversão nocturna parceiros do Projecto (onde a intervenção tem um carácter mais continuado), nomeadamente, nas festas académicas de Leiria, Caldas da Rainha e Peniche.

Como antes se referiu, foram aplicados inquéritos por questionário a frequentadores dos espaços de diversão nocturna parceiros do RSV. A selecção dos respondentes foi aleatória entre os frequentadores presentes nos espaços recreativos que se mostrassem receptivos e a recolha de informação decorreu entre os meses de Janeiro e Fevereiro de 2008. De notar que, embora nem todos os inquiridos tenham respondido a todas as questões, consideramos sempre o total dos inquéritos por questionário aplicados para o cálculo das percentagens de resposta a cada uma das questões.

Dos 101 frequentadores de espaços recreativos que responderam ao inquérito por questionário 44,6% são do género feminino e 48,5% do género masculino. As suas



idades variam entre os 16 e os 39 anos.

Relativamente aos consumos destas substâncias, só a Ketamina não aparece entre os consumos referidos pelos inquiridos, como se pode ver no quadro a baixo.

Substâncias	Nunca experimentou	Experimentou	Consumiu algumas vezes	Consumiu ano passado	Consumiu mês passado	Consumiu nos últimos 7 dias
Consumos						
Tabaco	8,9	9,9	40,5	5,9	4,9	41,5
Álcool	4,9	1,9	43,5	4,9	4,9	53,4
Cannabis	42,5	15,8	20,7	6,9	2,9	9,9
Ecstasy, pastilhas	81,1	8,9	3,9	0,9	0	0
Cocaína	87,1	2,9	3,9	0	0	0
Heroína	90	0,9	1,9	0	0	0
Ácidos	86,1	4,9	3,9	0	0	0
Cogumelos mágicos	88,1	3,9	2,9	0	0	0
LSD	89,1	1,9	1,9	0	0	0
Esteróides anabolizantes	93	0,9	0	0	0	0
Psicofármacos	83,1	2,9	6,9	0	0	2,9
Inalantes	90	1,9	1,9	0	0	0
GHB	89,1	0	0,9	0	0	0
Ketamina	94	0	0	0	0	0

Quadro 1 – Consumos dos frequentadores dos espaços recreativos (em %)

Relativamente à expressão dos consumos aqui apresentada devemos ter presentes alguns aspectos que tiveram influência nestes dados. Em primeiro lugar, o facto do inquérito ter sido preenchido nos contextos de diversão nocturna o que coloca alguns constrangimentos que se prendem com as questões da fidelidade dos dados e respectiva confidencialidade, já que acontecem algumas situações em que o preenchimento é feito na proximidade do grupo de amigos. Outro dos



constrangimentos associados a estes contextos, com reflexo nos dados obtidos, tem que ver com as condições ambientais, tais como, fracas condições de luminosidade (pode dificultar a leitura), elevado ruído ambiente devido à música alta e à conversação (pode dificultar a concentração e a interpretação das questões). Ainda o facto do assunto ser sensível, já que o consumo de substâncias ilícitas é socialmente reprovado, procurando-se, por isso, mantê-lo oculto e os consumos de substâncias sintéticas podem ser bastantes discretos. Finalmente, um conjunto de constrangimentos que resultaram do próprio instrumento, associados a dificuldades de interpretação (por exemplo, ambiguidade na questão da unidade de medida das quantidades consumidas), ou a dificuldades que se prendem com o próprio desenho do questionário e com a sua extensão.

Pretendemos, pois, reforçar a ideia de que, embora estes dados não revelem a expressão dos consumos de substâncias sintéticas, os objectivos do projecto não ficam comprometidos. Isto porque, daquilo que nos pudemos aperceber – pela observação realizada e pelas conversas informais – estas substâncias estão presentes nestes contextos e entre os seus frequentadores, mas com uma presença mais forte nuns momentos (festas de Dj's, por exemplo) do que noutras. Neste sentido, se por um lado, importa ter presentes todos os constrangimentos apresentados e a sua influência nos resultados obtidos, por outro lado, não devemos perder de vista que o desenho deste projecto assenta na adequação das estratégias a implementar em função do aprofundamento do conhecimento em relação aos espaços recreativos nocturnos, designadamente, no que diz respeito às suas dinâmicas e aos seus frequentadores. Então, procurou fazer-se destes dados uma leitura crítica que facilitasse essa adequação.

Nesta linha, não podemos deixar de ter em conta que os resultados encontrados relativos aos consumos revelam pouca expressão das substâncias sintéticas e forte expressão de outras substâncias como o álcool, o tabaco, a cannabis e mesmo os alucinogénicos (se considerarmos cumulativamente os valores dos ácidos, cogumelos mágicos e LSD temos um total de 8,9% dos frequentadores que consumiram “algumas vezes” estas substâncias). Olhando para o gráfico seguinte (figura 2), que apresenta os consumos de uma forma agregada, ou seja, independentemente da frequência com que ocorrem, esta ideia fica mais clara.

Os factores explicativos destes resultados parecem relacionar-se com as rotas associadas aos consumos das diversas substâncias. Ou seja, no facto de nos espaços



parceiros, de intervenção do projecto, pelas suas características, o consumo de substâncias sintéticas aparecer associado a determinados eventos específicos (como já referimos). Em síntese, por tudo isto, pareceu-nos importante que o âmbito de intervenção do RSV tivesse em conta as substâncias psicoactivas no geral (não apenas as sintéticas).



Figura 2 – Substâncias consumidas

Quanto à percepção dos riscos associados ao consumo de substâncias, podemos ver no quadro a seguir (quadro 2), de uma forma geral, que as substâncias mais desvalorizadas em relação aos riscos são o álcool e o tabaco. Este aspecto pode encontrar explicação no facto de se tratar de substâncias socialmente aceites e, sobretudo, no caso do álcool, culturalmente valorizadas. Uma das observações que aparece de forma transversal aos vários registos nos diários vem, precisamente, neste sentido e tem que ver com referências ao “consumo social de álcool”. Esta perspectiva aparece, geralmente, associada à desvalorização dos riscos do consumo abusivo, também admitido por alguns indivíduos e identificado pelos pares-voluntários. Por exemplo, numa das festas académicas onde o “álcool [era] vendido em garrafões de água (5L)” (notas do diário de bordo de um dos pares-voluntários na festa, Caldas da Rainha).

Relativamente às substâncias sintéticas – ecstasy e outras “pastilhas” – embora haja o reconhecimento de “grande risco”, qualquer que seja o padrão de consumo (mais ou menos frequente), a diferença percentual daqueles que apontam os riscos de gravidade menos acentuada não é significativa. Dito de outro modo, pode



verificar-se um certo equilíbrio entre as respostas que apontam o consumo destas substâncias como tendo um elevado risco, um “risco moderado”, “baixo” ou até “sem risco”. E esta tendência é transversal à frequência do consumo, que vai da experimentação ao consumo diário. Ora, isto vai ao encontro do comentário realizado a cima, em que se defendia a existência de consumos de substâncias sintéticas entre os inquiridos. E reforça a pertinência da intervenção deste projecto, nomeadamente nas acções assentes em estratégias de informação sobre as substâncias e os seus efeitos imediatos em termos psicoactivos e a longo prazo no estado geral de saúde.

Risco		Grande risco	Risco moderado	Baixo risco	Sem Risco
Substância					
Tabaco	Experimentar	19,8	13,8	20,7	24,7
	Consumir 2/3 x mês	9,9	15,8	33,6	35,6
	Consumir diariamente	53,4	25,7	4,9	4,9
	Consumir ao fim-de-semana	14,8	34,6	20,7	6,9
Álcool	Experimentar	3,9	14,8	21,7	27,7
	Consumir 2/3 x mês	1,9	12,8	29,7	22,7
	Consumir diariamente	41,5	27,7	5,9	1,9
	Consumir ao fim-de-semana	16,8	33,6	22,7	16,8
Haxixe	Experimentar	27,7	22,7	13,8	13,8
	Consumir 2/3 x mês	29,7	22,7	19,8	9,9
	Consumir diariamente	59,4	8,9	2,9	2,9
	Consumir ao fim-de-semana	36,6	19,8	11,8	7,9
Ecsatpsy, pastilhas	Experimentar	54,4	9,9	8,9	5,9
	Consumir 2/3 x mês	55,4	12,8	4,9	2,9
	Consumir diariamente	71,2	1,9	0	0,9
	Consumir ao fim-de-semana	58,4	11,8	1,9	3,9
Cocaína	Experimentar	63,3	10,8	7,9	2,9
	Consumir 2/3 x mês	62,3	9,9	1,9	1,9
	Consumir diariamente	70,2	1,9	0,9	0,9
	Consumir ao fim-de-semana	63,3	7,9	0,9	0,9
	Experimentar	71,2	7,9	3,9	3,9
	Consumir 2/3 x mês	68,3	4,9	1,9	0



Risco		Grande risco	Risco moderado	Baixo risco	Sem Risco
Substância					
Heroína	Consumir diariamente	72,2	0	0	0,9
	Consumir ao fim-de-semana	70,2	2,9	0	0,9
LSD, cogumelos mágicos	Experimentar	62,3	14,8	13,8	5,9
	Consumir 2/3 x mês	61,3	9,9	2,9	0,9
	Consumir diariamente	69,3	1,9	0,9	0,9
	Consumir ao fim-de-semana	61,3	9,9	0,9	0,9
GHB	Experimentar	65,3	11,8	2,3	2,9
	Consumir 2/3 x mês	60,3	8,9	0,9	0
	Consumir diariamente	70,2	0,9	0	0
	Consumir ao fim-de-semana	61,3	9,9	0	0
Ketamina	Experimentar	66,3	11,8	1,9	5,9
	Consumir 2/3 x mês	63,3	3,9	2,9	0,9
	Consumir diariamente	69,3	1,9	0	0
	Consumir ao fim-de-semana	63,3	7,9	0	0

Quadro 4 – Percepção dos riscos (em %)

Face à percepção dos riscos, importa olhar para os cuidados que os inquiridos consideram adequados aquando do consumo das diversas substâncias. Situamo-nos, pois, no domínio da redução de riscos e minimização de danos.

De uma forma geral, os frequentadores de espaços recreativos inquiridos têm noções acerca dos cuidados que devem acompanhar os consumos. Como se pode ver na tabela apresentada, destacam-se três tipos de cuidados que aparecem de forma transversal às várias substâncias, “não conduzir”, “não misturar com outras substâncias psicoactivas” e “saber exactamente o que se está a consumir”. Estes dados são reforçados pelos registo da observação realizados pelo pares-voluntários, durante as acções do projecto: “Consideram-se bem informados acerca do assunto, excepto das consequências a longo prazo” (notas da Semana Académica de Leiria). Mais uma vez, este tipo de comentários reforça a necessidade da intervenção assente na informação associada aos efeitos das substâncias, tal como se tem vindo a fazer. Além de que, ainda de acordo com os registo dos diários de bordo, a distribuição de material, informativo ou promocional, facilita a abordagem e aumenta a receptividade



dos frequentadores dos espaços de diversão nocturna.

Substâncias	Álcool	Cannabis	Ecstasy, Pastilhas	Cocaína	Heroína	LSD, Ácidos	Cogumelos mágicos	Psico-fármacos	Anfetaminas	GHB	Ketamina
Cuidados											
Beber água ou outras bebidas não alcoólicas	28,7	25,7	32,6	23,7	22,7	25,7	24,7	26,7	24,7	20,7	19,8
Não conduzir	78,2	44,5	42,5	41,5	39,6	43,5	42,5	43,5	41,5	40,5	41,5
Não misturar com outras substâncias psicoactivas	47,5	36,6	35,6	32,6	33,6	32,6	31,6	32,6	31,6	28,7	28,7
Alimentar-se adequadamente	56,4	26,7	20,7	19,8	20,7	22,7	21,7	25,7	22,7	21,7	20,7
Ter cuidado com o dinheiro que se gasta	21,7	23,7	20,7	21,7	20,7	21,7	19,8	19,8	19,8	18,8	19,8
Descansar bastante	22,7	18,8	18,8	19,8	18,8	17,8	17,8	21,7	20,7	16,8	16,8
Consumir acompanhado	28,7	15,8	15,8	14,8	17,8	18,8	16,8	14,8	17,8	13,8	14,8
Saber exactamente o que está a consumir	44,5	42,5	35,6	32,6	32,6	33,6	32,6	30,6	31,6	30,6	29,7
Não perder de vista as pessoas que estão consigo	17,8	12,8	14,8	14,8	16,8	16,8	15,8	13,8	14,8	14,8	13,8
Não exagerar na quantidade	54,4	31,6	29,7	31,6	28,7	31,6	29,7	31,6	30,6	27,7	26,7
Não consumir sempre que lhe apetecer	26,7	30,6	31,6	31,6	31,6	20,7	29,7	30,6	30,6	28,7	28,7
Ter atenção ao que se vai fazer a seguir	41,5	27,7	29,7	25,7	26,7	27,7	25,7	27,7	26,7	26,7	25,7
Aconselhar-se com outros consumidores	10,8	14,9	19,8	18,8	20,7	18,8	17,8	17,8	17,8	15,8	15,8
Conhecer os efeitos da substância	38,6	46,5	45,5	46,5	46,5	46,5	45,5	47,5	45,5	43,5	44,5

Quadro 3 – Cuidados a ter quando se consome (em %)

Muito embora, um dos cuidados que aparece com alguma regularidade seja o “não misturar com outras substâncias psicoactivas”, temos identificado situações de policonsumos que correspondem a consumos combinados ou em sequência de várias substâncias (sintéticas, cocaína, haxixe, álcool ou outras).



Em síntese, estes dados dão uma panorâmica geral dos frequentadores dos espaços de lazer nocturno de intervenção do projecto, em termos dos seus consumos, da percepção dos riscos associados e dos cuidados a ter durante os mesmos.

A par destes dados de natureza mais quantitativa há a considerar, de forma particular, outros que se prendem com a estratégia etnográfica utilizada e estimulada pelo Projecto, através do diário de bordo dos pares-voluntários. Aqui registam-se observações dos espaços e dos frequentadores, mas também dúvidas, inseguranças, enfim, todo o conjunto de impressões que resultam da experiência de estar no terreno no âmbito deste Projecto. Esta informação tem objectivos a dois níveis: por um lado, o tratamento dessa informação, na lógica da investigação-acção, que fundamenta a intervenção do *RSV*; por outro, serve como base às sessões de preparação e apoio continuado aos pares-voluntários.

Deste registo de observações importa, ainda, destacar algumas mais significativas relativamente a consumos problemáticos assumidos pelos indivíduos. Importa, aqui, destacar o haxixe, sobretudo, no contexto das festas académicas. Vejamos os seguintes exemplos. “Um grupo de jovens abordados consome haxixe, um admitiu consumir com regularidade e, mesmo, com alguma dificuldade em não consumir” (M, 20 anos, estudante, registo da Semana Académica de Leiria). “Um jovem que não vive sem consumir: «Fumo por gosto, para esquecer, porque é ‘bacano’; depende sempre do objectivo e sei que tem de ser moderado; comecei aos 15 anos com o grupo de amigos e até agora não parei; fumo todos os dias e, por vezes, mais do que uma vez»” (M, 22 anos, registo da Semana Académica de Peniche). “Abordagem difícil, ambiente pouco favorável [na ESAD]; cheiro intenso a “ganza” que está facilmente identificada e pode ser facilmente adquirida” (notas do diário de bordo de um dos pares-voluntários na ESAD). Um dos indivíduos “demonstrou a revolta que sentia pelos ‘anti-droga’, pelo Ministério da Saúde, identificando-os como os patrocinadores da droga sob disfarce de medicamentos. Vive na casa de amigos e não tem ‘posto fixo’. Revoltado com a mãe, que é médica, e com a ‘sociedade hipócrita que consome medicamentos e censura as ganzas’” (M, 22 anos, registo da Semana Académica de Peniche).

Estes registos situam-se na mesma linha do que outros estudos têm revelado a centralidade da cannabis “nos hábitos e modalidades conviviais do actor juvenil que participa no meio festivo” (Carvalho, 2007). Nestes contextos, os consumos de cannabis revestem-se de enorme naturalidade, estando integrados nos modos de



estar, e sendo centrais para as modalidades de sociabilidade e convivialidade que a festa evidencia (Carvalho, 2007).

Face ao exposto, importa desenvolver o contributo específico das áreas disciplinares envolvidas na intervenção no âmbito deste projecto.

Interdisciplinaridade, Intervenção e Investigação (Sociologia e Educação Social)

Como já foi sendo referido, a par da distribuição aos frequentadores de material informativo e promocional, procedeu-se à observação e sinalização dos que apresentavam consumos de substâncias psicoactivas. O objectivo foi o de reforçar a relação interpares, ou seja, dos voluntários com os frequentadores dos espaços de intervenção, através do desenvolvimento de acções de intervenção nos espaços com alguma continuidade, pois só esta permitia ganhar familiaridade com a totalidade do ambiente, os espaços recreativos, os elementos do *staff* e os frequentadores.

Esta proximidade permitiu estabelecer a relação necessária a um aprofundamento do conhecimento acerca dos frequentadores, donde resultou um reforço da informação obtida a partir do inquérito por questionário (já apresentadas). Ou seja, que as principais substâncias consumidas nestes espaços e pelos seus frequentadores são o álcool e a cannabis, em relação às quais há uma atitude desvalorizante generalizada em relação aos riscos associados. Embora se possa fazer esta caracterização mais generalizada dos consumos de substâncias psicoactivas nestes espaços de intervenção do Projecto *RSV*, não se podem desvalorizar os consumos assinalados na observação dos pares-voluntários (registados nos diários de bordo) e na supervisão no âmbito da avaliação bem como assumidos pelos próprios frequentadores de outras substâncias como o ecstasy, a cocaína, o LSD. Decorreu ainda, desta relação de proximidade, a possibilidade de constituir um grupo de frequentadores disponíveis para integrarem as acções de treino de competências.

A Intervenção Interpares baseada na relação assentou em duas linhas de acção: a de que os argumentos de ordem moralista ou alarmista não resultam como estratégia preventiva de consumo de substâncias psicoactivas; e a de que a comunicação e a informação ganha em eficácia quando é transmitida por indivíduos com quem possa haver alguma identificação, ou seja, por pares.

Ora, a investigação e a prática profissional interdisciplinar, da Sociologia e da Educação Social, foram fundamentais para este tipo de estratégia de intervenção. Ou



seja, a actuação profissional do educador social depende do contexto cultural, social e económico onde coabita. Tal como refere Roca (2000, *cit in* Carreras e Molina, 2006, p.297) "... la ética de las profesiones sociales se construye hoy en interacción con la segunda modernidad que como ambiente socioeconómico trae una nueva epistemología; en contacto con la sociedad de riesgos que ha creado la vulnerabilidad de masas como entorno social...". Neste contexto, a actividade do educador social não poderá transpor a realidade da comunidade em que se insere e onde desenvolve a sua intervenção, pelo que, a educação aliada aos seus efeitos tem como propósito preparar cidadãos para uma vida democrática e relacional. Também a perspectiva sociológica pressupõe a análise das relações sociais, quer dizer, pressupõe a análise de um dado fenómeno ou aspecto da realidade social do ponto de vista do conjunto de relacionamentos sociais, de interdependências entre indivíduos ou grupos, presentes na sua constituição (Costa, 1992). Daqui resultou um enfoque na intervenção orientado, por um lado, pela educação, no sentido do desenvolvimento de competências, na educação e no *empowerment* e, por outro, na reflexividade resultante de um processo de investigação-acção.

As várias transformações que se têm vindo a verificar nas sociedades actuais e que afectam as suas estruturas económicas, culturais e sociais têm vindo a acentuar as circunstâncias de risco e de incerteza e a alargar a diversidade de possibilidades de opção disponíveis aos indivíduos (Giddens, 1994). Daqui resulta que estes não sejam entidades passivas, determinadas por influências externas, mas agentes da construção activa e reflexiva das suas identidades. Ou seja, embora haja constrangimentos que resultam dos contextos de acção específicos, os indivíduos constroem as suas identidades pessoais reflexivamente, a partir das opções, das escolhas, que continuamente têm de fazer nas sociedades actuais. Dito de outro modo, as possibilidades ilimitadas com que os indivíduos são confrontados permitem seguir trajectórias de realização ou de marginalização social ao longo da existência, dependendo da sua capacitação e da mobilização de recursos diferenciados.

Neste contexto, o consumo, mais ou menos abusivo, de substâncias psicoactivas nas sociedades actuais tem-se tornado bastante complexo e problemático, daí a necessidade de haver uma constante reflexão teórico-prática sobre os modelos de intervenção que incidem sobre esta problemática. É à luz de uma reflexão sobre a prática que, enquanto educadores sociais e sociólogos, produzimos conhecimento sobre a realidade, nomeadamente ao nível do campo de actuação prático. A utilização de uma metodologia de investigação-acção permitiu-nos produzir conhecimentos



sobre a realidade, ajudando-nos a organizar e qualificar o nosso âmbito de actuação; envolver os sujeitos de educação na execução desta mesma intervenção, com vista a atenuar ou reduzir os factores de risco e estimulando os factores de protecção; formar competências nos intervenientes da acção.

A estratégia de intervenção junto dos frequentadores foi centrada na Redução de Riscos e Minimização de Danos (RRMD) que visa a prevenção ou redução de atitudes ou comportamentos de risco acrescido e a minimização de danos individuais e sociais provocados pelo consumo de substâncias psicoactivas, o que pressupõe adaptar e redirecionar estratégias adequando-as às características dos consumidores, das substâncias consumidas, dos contextos de consumo. Entendeu-se, no âmbito deste projecto, a RRMD como as acções de proximidade desenvolvidas junto de frequentadores com consumos de substâncias psicoactivas assumidos, tendo em vista facultar informação rigorosa e adequada – quer através do material informativo distribuído, quer das conversas informais interpares –, aconselhar e, eventualmente, encaminhar esses consumidores para estruturas de apoio adaptados aos seus hábitos e necessidades e à cultura local (Patrício, 2002). Trata-se, pois, não de uma atitude permissiva ou incentivadora, mas de uma atitude de tolerância e respeito pela opção do jovem em consumir, a partir da qual se procura ajudar a perspectivar alternativas de diversão interessantes, porque adequadas àquele jovem ou grupo de frequentadores. Isto é, uma intervenção assente numa postura compreensiva e inclusiva, expressa em abordagens “amigáveis” para o jovem frequentador com consumos de substâncias psicoactivas, procurando estar atenta e abranger diferentes estádios de relação com as substâncias – ocasional, regular, frequente, compulsiva.

Foi neste enquadramento que se situaram as acções de treino de competências pessoais e sociais desenvolvidas a um nível com os pares-voluntários e com o *staff* dos espaços recreativos parceiros e a um outro nível com o grupo sinalizado de frequentadores. De todas resultou o desconstruir mitos, ideias erradas e falsas informações acerca das diversas substâncias psicoactivas e seus efeitos. No caso das acções com o grupo sinalizado de frequentadores foram ainda trabalhadas competências pessoais e sociais como comunicação, auto-conceito, factores de risco e factores de protecção.

Ao actuar em contextos de maior vulnerabilidade social a colaboração interdisciplinar promoveu e desenvolveu dinâmicas sociais de carácter comunitário, que permitiram atenuar ou reduzir as necessidades sentidas nestes contextos e



potenciar os pontos fortes dos mesmos. Foi no âmbito desta intervenção preventiva em espaços recreativos, que numa óptica educativa e de proximidade com os sujeitos de intervenção, se privilegiou uma actuação como facilitadores da transmissão de conhecimentos que permitiram aos indivíduos serem decisores de escolhas presentes e futuras, a níveis como a própria saúde e segurança. Daí a intervenção desenvolvida nestes contextos ter sido pragmática, devido à diversidade e volatilidade dos sujeitos beneficiários da intervenção sócio-educativa.

Sendo assim, é imprescindível reafirmarmos a importância do *empowerment*, visto este “...ser considerado um processo psicológico, social, cultural ou político, através do qual os indivíduos expressam necessidades, participam nos processos de tomada de decisão e realizam acções sociais, culturais e políticas, para alcançar ganhos na área da saúde” (Laverack, 2001 *cit in* Dias, 2006, p. 16). No sentido de capacitar os sujeitos alvo da intervenção de escolhas seguras e responsáveis, a equipa multidisciplinar procedeu à distribuição de material preventivo e de sensibilização, como por exemplo, folhetos informativos sobre os riscos e os mitos associados ao consumo de substâncias psicoactivas, de forma a suscitar nestes o interesse pela informação acerca dos efeitos e consequências associadas a estes consumos.

A prevenção em espaços recreativos deverá, pois, centrar-se na óptica da mediação e da escuta activa. Desta forma, na intervenção deverá compreender-se o olhar do outro, para que se possa criar uma ponte educativa, pois é nesta perspectiva intervintiva de actuação segundo uma metodologia participativa e activa que o próprio sujeito seja implicado enquanto ser presente na esfera do sujeito de intervenção. Tal como defende Silva (2004, p.271) “...o papel dos técnicos que intervêm no domínio da prevenção das toxicodependências é, na maior parte dos casos, estar atento a estas crises, ter a capacidade para as antever e intervir, ajudando as pessoas a construir as soluções mais acertadas para cada uma delas, de acordo com os momentos, os meios e as populações envolvidas”.

Tal como referido no capítulo anterior, no projecto RSV perspectiva-se a Redução de Riscos e Minimização de Danos em três eixos fundamentais: disponibilização de material informativo sobre SPA, aconselhamento e encaminhamento dos frequentadores dos contextos recreativos de intervenção, tendo em conta o tipo de consumos e o meio ambiente envolvente que propicia o próprio consumo. Esta política social de RRMD remete-nos para outra perspectiva de



intervenção, com uma base preventiva dos riscos e efeitos dos consumos de substâncias psicoactivas, independentemente do seu consumo ou não.

Utilizando esta abordagem intervenciva foram várias as vivências experienciadas ao longo deste processo. Assim, ilustramos a prática de intervenção com base numa ferramenta imprescindível para quem trabalha diariamente no terreno, o *Diário de Bordo*:

"Iniciámos a nossa intervenção num dos bares da Nazaré. O interior do bar estava repleto de juventude. Contudo, devido a volatilidade destes jovens estes encontram-se dispersos pelas ruas da Nazaré. Em equipa consideramos pertinente ir ao encontro destes jovens fora deste contexto recreativo. Assim, dirigimo-nos até eles, iniciando num dos seus contextos preferenciais de consumo (rua) a nossa intervenção. Começámos por uma abordagem informal, através da distribuição de material informativo sobre SPA. Verificámos o interesse destes jovens por determinadas SPA, nomeadamente o álcool e a cannabis. Foi esta a ponte fundamental, através da qual estabelecemos uma relação cordial com os jovens, e nos transportou para as suas histórias de vida, causas da iniciação ao consumo e consequências directas do mesmo. Sabemos que não alterámos directamente os consumos aditivos destes jovens. Contudo, apesar da pontualidade da acção fomos, por momentos, facilitadores de uma possível mudança. A própria metodologia de investigação-acção remete-nos para uma reflexão crítica do nosso trabalho, enquanto educadores sociais, sendo nessa perspectiva que actuámos ao longo deste processo de intervenção. Nesse sentido, consideramos pertinente, em projectos futuros, a abrangência dos espaços focalizadas para a prática intervenciva, ou seja, em complemento aos espaços recreativos, que por si só acarretam alguma dificuldade de comunicação, o diagnóstico de outros locais que vão ao encontro de potenciais consumidores, por exemplo, o contexto envolvente do bar" (Junho 2009 – Bar, Nazaré).

Tudo isto nos permite concluir que existiu aceitação da intervenção de proximidade e que esta se revelou eficaz, quer ao nível das acções de prevenção selectiva e indicada desenvolvidas junto dos frequentadores dos espaços recreativos nocturnos, quer das acções de Redução de Riscos e Minimização de Danos desenvolvidas junto dos frequentadores e *staff* dos espaços recreativos nocturnos. Parece-nos ter ficado evidente a forma como a Sociologia e a Educação Social contribuíram para o desenvolvimento deste projecto e para estes resultados.



Conclusão (Investigação e Práticas Profissionais)

A intervenção social quer de sociólogos quer de educadores sociais baseia-se num paradigma que estabelece uma necessária relação de simbiose entre a teoria e a prática. Assim, a participação interdisciplinar activa, colaborativa e crítica assente na investigação-acção permitiu atingir os objectivos traçados, a partir das necessidades e potencialidades de um contexto, pois é este "...jogo subtil entre a autonomia e a dependência que torna as decisões tão difíceis e o trabalho em prevenção tão criativo, aliciante e enriquecedor" (Silva, 2004, p. 271).

Referências Bibliográficas

- Borges, C., & H. Filho (2004). *Alcoolismo e toxicodependência*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Carreras, J., & Molina, J. (2006). *Pedagogía social – Pensar la educación social como profesión*. Madrid: Alianza Editorial.
- Carvalho, M. C. (2007). *Culturas juvenis e novos usos de drogas em meio festivo*. Porto: Campo das Letras.
- Costa, A. (1992). *O que é a sociologia*. Lisboa: Difusão Cultural.
- Dias, S. (2006). *Educação pelos pares: Uma estratégia na promoção da saúde*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- EMCDDA (2006). *Relatório anual 2006: a evolução do fenómeno da droga na Europa*. Recuperado em 17 de Abril, 2010, de <http://ar2006.emcdda.europa.eu/pt.html>.
- Fernandes, L. (2002). *O sítio das drogas*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Giddens, A. (1994). *Modernidade e identidade pessoal*. Oeiras: Celta.
- Henriques, S. (2003). *O universo do ecstasy*. Azeitão: Autonomia 27.
- Silva, R. (2004). Prevenção das toxicodependências – Porquê eu?. *Análise Psicológica*, XXII, p. 271.